

# ÁTILA

De William Napier

## CAPÍTULO 7

### CONVERSAS COM UM TENENTE BRITÂNICO

Naquela noite, o general Estilício sentou-se pensativo em sua tenda de lona branca na extremidade do acampamento do exército montado fora dos limites da cidade de Faleria, ao lado do rio Tibre. Fora uma longa marcha desde Roma, mas ele sempre era duro com seus homens. Alarico não seria fácil. Os bárbaros não lutavam mais como bárbaros. Lutavam como romanos. Antigamente, as táticas bárbaras nos campos de batalha, fossem eles godos, vândalos, pictos, francos ou germânicos, eram mais ou menos as mesmas aonde quer que se fosse. Era assim:

1. Agrupem-se no campo de batalha. Coloquem suas esposas e filhos em carroções para assistirem ao show.
2. Batam com suas armas e escudos e gritem insultos aos inimigos.
3. E, então... Atacaaaar!

Principalmente em relação ao tamanho de suas partes genitais. A horda bárbara de vinte ou trinta mil homens corajosos se lançava contra as fileiras compactas da legião romana, que chegavam, no máximo, a seis mil homens, mas que trabalhavam juntos como uma única e cruel unidade, e a horda era esmagada. Todos os homens capturados ou feridos eram degolados no campo de batalha. As esposas e os filhos eram vendidos como escravos. Fim da história.

Mas agora eles tinham comando, hierarquia e filas. Eles viravam e davam voltas e alternavam a linha de frente com o mesmo desembaraço de uma legião romana bem treinada. Além disso, eram cavaleiros excepcionais. Não seria nada fácil. Mas era isso que precisava ser feito primeiro. O poder de Alarico deveria ser destruído. Se Uldin e seus hunos pudessem ser chamados de novo, tudo bem. Se não, os romanos teriam de lutar sozinhos.

Depois ele teria de voltar para Roma, para aquele ninho de víboras, e, e... E o quê? Ele ouvia em sua mente os chamados fracos e suplicantes de seus amigos mais próximos, encorajando-o a tomar o trono para si. “Por Roma”, diziam eles, “e pelo bem do governo, levante suas legiões e venha para Roma. O povo vai aclamá-lo.”

Mas havia a carga pesada de um pergaminho fino que ele ainda carregava na bolsa. Sabendo que se ele caísse nas mãos erradas... Ele olhou para cima. Era o tenente da guarda real que agora comparecia diante dele, um soldado palaciano de alto escalão com seu brilhante peitoral de couro negro. O único sangue que sua espada já vira era os dos prisioneiros que executava nas celas do palácio, depois de algumas boas horas de tortura. Estilício olhou para ele de cara feia.

– Senhor? – disse o tenente em um tom obsequioso. – Dispensado – respondeu o general. – Mande-me um tenente de um dos destacamentos da fronteira.

O tenente empalideceu.

– Com todo o respeito, senhor, eu não acho que um soldado das fronteiras tenha as maneiras adequadas ou o conhecimento da etiqueta da corte para satisf...

O oficial palaciano sentiu a fúria do general atingi-lo no peito como o tiro de uma catapulta. Ele cambaleou para trás, saindo da tenda e correndo para atender às ordens do general, cujas palavras ainda lhe soavam nos ouvidos.

Alguns minutos depois, Estilicão ouviu uma batida na barra de entrada da tenda e permitiu que ele entrasse. Continuou a ler por um tempo. Destacamento da Gália. Eles não eram bons em leitura.

Quando finalmente olhou para cima, se deparou com um tenente alto, de olhos acinzentados e com uma cicatriz áspera no queixo. Ele lançou-lhe um olhar cruel.

– Como conseguiu essa cicatriz, soldado?

O tenente nem piscou.

– Tropecei em um cachorro, senhor.

Estilicão olhou para baixo e depois para cima de novo, com as sobrancelhas ligeiramente erguidas.

– Repita.

– Tropecei em um cachorro, senhor. Em uma ruela na cidade de Isca Dumnoniorum, na província romana da Britânia. Estava bêbado como um gambá, depois de muitos copos de hidromel britânico, senhor. Bati com a cabeça em uma caldeira de pedra quando caí. Estilicão tentou segurar a vontade de rir. Empurrou o banco de acampamento para trás, ficou de pé e caminhou até o tenente, que continuou olhando para a frente sem piscar os olhos. Estilicão era tão alto quanto ele e se colocou em uma das posições mais intimidadoras, bem ao lado do seu homem, mas fora do seu campo de visão. O ponto preferido de todo decurião.

– Um pouco desastrado, não acha, soldado?

– Deploravelmente desastrado, senhor.

O general se inclinou um pouco, ficando tão próximo que só precisava sussurrar no ouvido do tenente.

– Alguns soldados talvez tivessem tido a inteligência de inventar uma história um pouco mais... corajosa? Por exemplo, que foi um golpe de machado de um gigante bárbaro do Reno que quase arrancou a sua cabeça? Ou uma grande luta com uma espada franca afiada da qual conseguiu se desviar bem a tempo, sendo ferido apenas no queixo? Você não tem imaginação, soldado?

– Não mesmo, senhor. – Ele levantou ainda mais o queixo. – Minha memória também não é muito boa. Motivo pelo qual eu sempre tenho de contar a verdade.

Estilicão ergueu as costas e sorriu. Gostava do que via e ouvia.

Voltou para a escrivania e apontou para o banco de lona.

– Sente-se, soldado.

– Obrigado, senhor.

– Quer um copo de vinho?

– Não, obrigado, senhor. Na minha idade, a bebida me mantém acordado.

– Quantos anos você tem?

– Vinte e cinco, senhor.

– Humm. Gostaria de ter 25 novamente. Na minha idade, o vinho só serve para me colocar para dormir. – O general se serviu de um copo de vinho aguado e também se sentou – Então, quantos homens você tem sob o seu comando?

– Apenas oitenta, senhor.

– Um tenente comandando oitenta homens? Onde está o seu centurião?

O tenente deu uma risada quando pensou no centurião. – Ainda está vivo, senhor. Ele tem mais cicatrizes do que a tábua de cortar carne de um açougueiro, mas ainda está bem vivo. Mas eu sei, senhor, que está tudo fodido. Desculpe o meu palavreado, mas não há suficientes... não há...

Ele parou de falar, sentindo que o que estava prestes a dizer seria o equivalente a uma traição.

No entanto, Estilicão estava à sua frente.

– Eu sei. Eu sei – disse ele em tom cansado. – Não temos homens suficientes para partirmos. Já ouvi isso antes. – O general inclinou-se para a frente, passou as mãos pelo rosto e parou para pensar. Depois, ele recomeçou: – Você é britânico?

– Sim, senhor.

– Casado?

– Sim, senhor.

– Então, quando você teve de sair de... Onde mesmo você estava destacado?

– Isca, senhor. Isca Dumnonia.

Estilicão acenou com a cabeça de forma séria.

– Eu sei, garotas bonitas de olhos escuros. É o que dizem.

– Isso mesmo, senhor. Eu me casei com uma delas. – Então, quando você saiu de Isca, com ordens imperiais de voltar para Itália a fim de defender Roma a todo custo, você deixou para trás a sua esposa?

– Sim, senhor. E dois filhos.

– E dois filhos – repetiu Estilicão. – Ordem difícil de cumprir. Você sente falta deles?

– Muita, senhor. Eu... – Ele hesitou. – Espero que um dia eu possa voltar, senhor. Quando tudo isso terminar.

– A Britânia agora está além da fronteira, soldado. Você entende isso?

– Entendo sim, senhor. Mas ainda não está acabado.

– Humm. – Estilicão passou a mão pelos cabelos finos e grisalhos.

– Mas o seu lote teve muitas deserções?

O tenente pareceu envergonhado.

– Sim, senhor.

– Humm. Então você se alistou com... 18?

– Sim, senhor.

– Você ainda tem mais 13 anos pela frente até que possa ganhar pensão. Também é um longo tempo para ficar sem ver sua esposa e seus filhos. E um longo tempo para uma esposa ficar sem o marido. Se é que me entende...

– Não sou complacente, senhor.

– Lembre-se do imperador Cláudio. Ele teve apenas de ir até o porto de Óstia por alguns dias para que sua esposa se casasse com Caio Sílio. – Minha esposa não é nenhuma Messalina, senhor.

– Não, não – apressou-se em dizer o general. – E você também não é Cláudio, tenho certeza, mas apenas um mero mortal como o resto de nós – riu ele. – Você sabe quais foram as últimas palavras do divino Cláudio de acordo com Sêneca?

O tenente meneou a cabeça.

– “Oh, céus! Acho que me caguei!”

O tenente sorriu. Então Estilício voltou a falar sério. – Quando você começar a receber sua pensão, não ganhará uma fazenda na Britânia pelos serviços prestados. Não mais. Talvez você consiga alguma coisa na Gália. Talvez não.

O tenente não respondeu.

O general suspirou e sentiu um grande peso sobre os ombros. Era o peso da responsabilidade, além do peso da trágica lealdade deste bom tenente. Havia milhares que, assim como ele, não desertariam seu último posto.

– Tudo bem, soldado. Agora vamos jogar damas antes de você ir.

Você joga damas?

– Muito mal, senhor.

– Eu também. Excelente. Significa que o jogo não vai demorar muito e logo poderemos ir para a cama.

Como o general havia previsto, o jogo durou apenas alguns minutos e o tenente foi o vencedor da partida.

– Muito mal mesmo – disse Estilício com raiva. Encostou-se e espreguiçou-se. – Tudo bem, soldado, você pode ir agora. Toque de alvorada, logo ao nascer do sol.

– Senhor.

Estilício ficou sentado sozinho por um longo tempo, olhando para as peças de damas espalhadas pelo tabuleiro sob a luz de uma vela que se derretia. Ouviu o uivo dos lobos na beira do rio, assustadoramente próximos, descendo das montanhas para beber água ou deitar à espera de uma presa que também estivesse se dirigindo para o rio.

Então ele ouviu o uivo de resposta dos cães do acampamento, chamando seus primos distantes na floresta selvagem. Como os homens, encurralados na segurança das cidades, ansiando pela vida sem regras dos ermos. Entediados com a civilização e suas pesadas necessidades e exigências, suas interdições frustrantes, e ansiando pelo velho modo de vida da floresta e da nova idade das trevas.

Estilício pegou mais vinho, mas parou antes de encher o copo. A liberdade vem quando se aprende a dizer “não”. Ele dormiu sentado à escrivania.

Nos dias que se seguiram durante a marcha até Pavia, o general começou a gostar cada vez mais do seu novo ajudante pessoal, o tenente britânico. Eles cavalgavam lado a lado. Lúcio era o seu nome. – E o meu cavalo – disse o tenente, inclinando-se para a frente e

acariciando o pescoço comprido e cinza de sua montaria – se chama Tugha Bàn. O general lançou-lhe um olhar cínico.

– Você deu um nome para o seu *cavalo*?

Lúcio concordou com a cabeça.

– A melhor égua do lote do grande país dos cavalos Icení, na Britânia.

Para onde eu vou, ela vai.

O general meneou a cabeça. Amantes de cavalos. – O que você acha da guarda do palácio, soldado? – perguntou Estilicão. – Do ponto de vista de um soldado da fronteira. – Com todo respeito, senhor, eu honestamente prefiro não dizer. – Hum – murmurou o general. – Eu os considero um bando de maricas metidos a besta.

O tenente riu, mas não disse nada.

– Jante comigo hoje à noite, soldado. Só nós dois. Tenho algumas coisas para discutir com você.

– Senhor?

– Hoje à noite, soldado. Meia-noite.

Eles jantaram bem, e Estilicão insistiu para que o tenente tomasse pelo menos um copo de vinho.

– Não sou conhecedor de vinhos – disse ele. – Mas este vinho de Opimian é muito bom, não acha? As videiras crescem sobre a baía e acredita-se que ele tem o gosto do sal do mar.

– O general tomou um gole e deixou o vinho ficar um pouco em sua boca antes de engoli-lo.

– Na verdade, eu não consigo sentir nada disso, é só o que os esnobes conhecedores de vinho de Roma costumam dizer. O tenente gostava deste Estilicão.

Conversaram sobre o exército, as invasões bárbaras e o estado de Roma, a vulnerabilidade da África e seus vastos campos de grãos e a natureza inescrutável dos hunos.

– Mas eles podem ser a nossa salvação – afirmou Estilicão. – Ou... – disse Lúcio, deixando a frase pairando no ar sem dizê-la em voz alta.

– Hum – murmurou o general. – É bom mantermos boas relações com eles, isso é certo. Cuidar bem dos reféns hunos, também. Ele serviu um pouco mais de vinho para eles, e Lúcio não recusou.

Um pouco depois, ele disse:

– Você acredita em profecias, tenente?

– Bem – respondeu o soldado sem pressa. – Não sou filósofo, mas *acho* que sim. Como a maioria das pessoas.

– Exatamente!

O general bateu com o punho sobre a mesa e seus olhos brilharam. – Na parte da Britânia em que vivo, senhor... Não sei se devo dizer isso, já que todos somos cristãos agora, bem sei, e eles também nunca foram muito populares junto a Júlio César...

Estilicão franziu o cenho sem entender.

– Quem? Os cristãos?

– Não, senhor. Os *druithynn* e os *bandruithynn*, ou seja, os homens e mulheres sagrados da Britânia. Os padres da nossa religião nativa. – Ah, os druidas. César os detestava, bem como o poder que exerciam.

Motivo pelo qual ele os expulsou, acho que para a ilha de Môn?

– Ele matou vários deles, senhor. Mas alguns escaparam e foram até seus primos em Hibernia.\* – Ah, sim, Hibernia. Nunca consegui entender Hibernia. São todos loucos naquelas terras, não são?

Lúcio sorriu e depois disse de forma enigmática:

– Bem, digamos que eles não constroem estradas por lá. Mas, depois do massacre em Môn, Hibernia foi o lar dos *druithynn* por quatrocentos anos.

– E agora...?

– Agora eles estão voltando para a Britânia. Mesmo que todos agora sejam cristãos, mesmo em Hibernia, os *druithynn* estão voltando. Muita gente, principalmente as pessoas que vivem no campo, ainda é fiel à antiga religião.

Estilicão acenou com a cabeça.

– Nem me diga. As coisas que ainda acontecem nas montanhas e nas vilas; mesmo na Itália civilizada. Vou lhe contar, soldado, ainda hoje a saturnália normal faz com que uma noite em um bordel da Suburra se pareça com um jantar com as virgens vestais. – Em Dumnonia, senhor, na minha vila, os laços matrimoniais são considerados tão sagrados quanto entre os cristãos mais rígidos do leste. Mas não é esse o caso em todos os lugares da Britânia, senhor, principalmente durante as festividades do ano celta, equivalente à sua saturnália. Em Dumnomia, ainda comemoramos o festival de Samhain no inverno e depois o Beltane na primavera...

– É aí que os homens têm de ficar de olho nas esposas, não?

Lúcio riu.

– Quanto aos jovens que ainda não são casados... Os dois homens ficaram em silêncio por um tempo, pensando em jovens celtas sem nenhuma roupa e, então, simultaneamente, limparam a garganta e voltaram à realidade.

- Atual Irlanda. (*N. da T.*)

- Como entramos nesse assunto? – perguntou o general.

- Profecia, senhor.

- Ah, sim.

- Ele serviu mais vinho.

– O que eu queria dizer – explicou Lúcio – é que a profecia é muito forte entre os *druithynn*. A única diferença é que eles não escrevem. Considera-se que as profecias possuem muito *mana*, ou seja, poder sagrado. Uma vez escritas, qualquer um poderá lê-las. Estilicão concordou, com os olhos castanhos fixos no tenente. Então, sem desviar o olhar, pegou um pergaminho sobre a mesa e o desenrolou e sacudiu. Um outro rolo de pergaminho caiu, e Estilicão o pegou e o esticou sobre a mesa. Já estava escurecido pelo tempo e apresentava pontas queimadas.

– Há duas semanas – começou o general, falando com voz macia e de forma lenta. – Obedecendo às ordens da princesa Gala Placídia, fui ao templo de Júpiter no monte Capitólio, que agora é um local de culto cristão, é claro. Eu peguei os Livros Sibílicos e os queimei. Espalhei as cinzas pela rocha Tarpeia como folhas mortas. Então, quando olhei para trás, este pergaminho tinha escapado das chamas e sobrevivido. Um dos padres surgiu, um homem a quem nunca respeitei por suas capacidades religiosas ou intelectuais. Um senador gordo e velho chamado Majórico. Em outra época, ele foi um dos *quindecimvires*, ou Quinze Homens, que guardavam os Livros Sibílicos. Mas, uma vez que Teodósio fechou os templos pagãos para sempre, Majórico rapidamente reconheceu o lado do pão que estava com manteiga e, da noite para o dia, se tornou um dos cristãos mais fervorosos e estrondosos. Desse modo, nunca teve de deixar o templo. Um tipo de morador de um templo sagrado, de quem o novo dono (o Deus dos cristãos) não poderia se livrar, mesmo que quisesse. Os dois homens riram.

– Então lá estava eu, queimando o último dos Livros, quando Majórico se aproximou correndo e pegou este pergaminho no chão. Ele o olhou e depois o colocou em minhas mãos, dizendo que se tratava da última profecia sibilina e que eu deveria ficar com ela. Ele não sabia por que, mas disse que era assim que deveria ser. Então, de um modo misterioso, ele acrescentou: “Deus tem mil e um nomes.” “Para começar, eu já tinha relutado em queimar os Livros. A princesa Gala dissera que se tratava de uma superstição pagã e que elas acabariam com a moral do povo romano, com suas incontáveis histórias sobre maldições e a destruição. Mas, para minha surpresa em relação a mim mesmo, já que não sou um homem de ser influenciado pelo que senadores gordos e velhos me dizem para fazer... – Imagino que não, senhor.

– Mesmo assim, naquele momento, eu fiz o que o padre gordo e velho me disse para fazer e mantive esse último pergaminho. Mas agora não sei bem o que fazer com ele. Não sei se ainda terei muito tempo.

– O senhor me parece muito em forma.

Não era isso que Estilício queria dizer. Mas não o corrigiu. Em vez disso, colocou o pergaminho na frente do tenente. – Quero que fique com isso e que o proteja com a sua vida.

Lúcio franziu o cenho.

– Por quê? Por que eu?

– Chame de intuição. Vivi a minha vida sempre ouvindo à minha intuição. Minha esposa diz que este é um dom feminino, mas é um dom que sempre recebi com gratidão. E quase sempre estou certo. A intuição costuma nos dizer coisas que ninguém mais é capaz de dizer. Tome. É seu.

Lúcio olhou para o pergaminho. Havia duas colunas de versos, escritos com uma letra antiga usada nos templos, em uma tinta amarela - relada pelos anos. Alguns versos formavam hexâmetros longos e bonitos - básticos, e outros eram breves, com rimas vulgares, como as cantadas pelos bárbaros, o que o surpreendia.

– Leia um – ordenou Estilício.

Sob a luz das velas ao seu lado, Lúcio leu com sua voz profunda e clara:

– “Um com um império,

Outro com uma espada,  
Um com um filho,  
Outro com uma palavra.”

O general acenou com a cabeça.

– Leia agora os últimos hexâmetros.

O tenente assim o fez:

– “Quando Rômulo escalou a rocha,

O irmão Remo ficou para trás.

Os mortos viram seis,

O rei viu doze; e o livro de Roma assim termina.”

Ele ergueu os olhos.

– Esta é... esta é a profecia que diz que Roma viverá por 12 séculos? – Na nossa era... – disse Estilício. Ele abriu as grandes mãos. – Em suas mãos está a última profecia de Sibila de Cumas, antes que ela desapareça de nossa história. Estes são os versos sobre o fim de Roma. São difíceis e obscuros, como todos os versos sibilinos; e eles dizem que quem quer que tente interpretá-los está fadado apenas a não compreendê-los. Ainda assim, eu os dou a você. – Para mim? Mas por quê?

– Sinto, de alguma forma, e não sei bem por que, que esses últimos versos não devem ser destruídos, mas que devem ser levados para bem longe de Roma, bem além da fronteira. Por que de alguma forma estranha e não prevista, eles talvez possam salvar Roma. Ou o espírito de Roma, se não os monumentos, templos e palácios.

O general inclinou-se para a frente de forma passional, seus olhos escuros brilhando de novo.

– Cumpra o seu dever e leve-os para a Britânia com você. – Mas ainda tenho mais 13 anos de serviço, senhor, a não ser que eu receba uma dispensa.

– Você irá quando for a hora – disse Estilício de forma vaga. – Eles são um grande fardo, mas se lembre deles. Gala os teme e a Igreja os teme e, ainda assim, sinto que não devem ser temidos. Pois eles podem ser muito poderosos se forem usados corretamente e talvez possam salvar Roma de um modo que não consigo prever. Os Livros nunca erraram, foram apenas mal interpretados. – O general recostou-se na cadeira, parecendo de repente um homem cansado e velho e passou a mão pelo rosto. – Não pude destruir o último Livro. A mim me parece que aqueles que começam a queimar livros terminam queimando homens. Os dois homens ficaram sentados em silêncio por um tempo. O campo do lado de fora estava silencioso. Uma coruja piou, um som que foi carregado pela noite escura e sem vento. Mas dentro da tenda, os dois soldados preocupados pareciam sentir o vento dos séculos passando e tocando-lhes a pele, como fantasmas. Ambos se sentiram pequenos e marcados com algo muito maior do que podiam compreender. O fim estava chegando, eles sabiam, mas não era um fim que eles ou qualquer outro mortal pudessem ver de forma clara. O que tornava tudo mais aterrorizante.

O tenente viu, com o olho da mente, uma mulher usando uma túnica branca e longa andando através de um manto grosso de névoa em direção a um penhasco como o de Pen Glas, que se erguia acima do seu amado vale de Dumnonian, lugar que ele chamava de lar. Ele queria gritar, mas estava dormente e indefeso, e viu a mulher andando em um ritmo

surreal e majestoso em direção à beira do abismo e das rochas negras e afiadas bem abaixo. Ele achou que a mulher era Clio, a Musa da História.

– Você vê coisas.

Era a voz do general acabando de forma agressiva com a visão. Com esforço, o tenente voltou do mergulho profundo em seus pensamentos.

– Eu...

– Isso é bastante incomum em um soldado.

– O meu... o meu povo na Britânia costuma ser *fili, barda*, ou seja, poeta, vidente e esse tipo de coisa. Isso é tão comum quanto ser um soldado – disse Lúcio, tentando rir. – O senhor conhece a reputação dos celtas.

Estilício não fez comentários. Em vez disso, disse:

– Há uma outra coisa que quero de você.

– Senhor?

– Vou mandá-lo de volta a Roma amanhã.

– Mas, senhor, a guarda palatina solicitou que não houvessem guardas da fronteira nos limites da cidade. Foi por isso que eu e meus homens fomos enviados com o senhor para Pavia, se é que o senhor me permite dizer. Nós também queremos isso, acabar com os godos e tudo. Mas não acho...

– As prostitutas de Roma estavam começando a exaurir os seus homens também, não é?

Lúcio riu.

– Os rapazes comentaram que já estavam ficando cansados, sim, senhor. Disseram que depois de Roma, voltar para a fronteira dos pictos seria moleza.

– Bem, a fronteira dos pictos foi abandonada para sempre – afirmou o general de forma assustadora. – Mas ainda existem muitas fronteiras pelas quais lutar. Temos de segurar o Reno e o Danúbio. – Senhor.

– De qualquer modo, estou ciente das tensões entre a guarda do palácio e as tropas da fronteira que ficam em Roma. Mas essas são as minhas ordens, e eu sou, como a guarda palatina talvez devesse ser lembrada de vez em quando, o comandante supremo de *todas* as forças armadas de Roma. Então não dê atenção àqueles maricas. Você e seu centurião voltarão para Roma amanhã. Quero que tome conta de alguém para mim.

– Senhor?

– Entre os reféns, existe um que realmente importa, por motivos bastante óbvios agora. Um garoto huno, chamado Átila. O tenente sorriu.

– Eu o conheço.

O general pareceu surpreso.

– Conhece?

– Foi o meu pelotão que o trouxe de volta na noite em que fugiu do monte Palatino depois de descobrir a senha. Estilício lançou um olhar duro ao tenente.

– Isso não é coincidência, tenho certeza – afirmou em voz baixa. –

Bem, como você deve ter notado, existe algo especial no garoto. Só não sei bem o que é.

– A águia está sentada em seu ombro – brincou o tenente, citando um antigo provérbio.

– Algo assim – respondeu o general quase para si mesmo. – A águia, o que traz a tempestade. – Depois, de forma mais rápida, disse: – De qualquer forma, quero que o proteja. Nada de tentativas de fuga, é claro. Mas proteja-o de outras formas, também. Você não ia querer enfurecer o avô dele, Uldin, a essa altura.

O tenente concordou.

– Sei que o garoto quer ir para casa, mas eu não o quero correndo pelas ruas de novo. É muito perigoso, ainda mais considerando o seu apetite por lutas. Mas se as coisas mudarem, se as circunstâncias mudarem, e você sentir que ele corre mais perigo em Roma do que em liberdade... Você entende o que quero dizer?

– Creio que sim, senhor.

– Os hunos, os hunos não são nossos inimigos. Não querem construir um império, então não precisam destruir nosso império. Eles não temem a destruição de suas terras, mas também não desejam a destruição de outras, disse certa vez um filósofo. Afinal, como as terras deles poderiam ser destruídas? Não se trata de uma cidade ou de um país. É a própria Terra. Como se pode destruir as florestas e as planícies de Cítia? Eles não querem capturar Roma. Eles querem liberdade, as planícies selvagens que se estendem além do horizonte, para servirem de pastagem para seus cavalos e para o seu gado, além de poderem caçar. Eles não invejam o que os romanos têm. Não querem viver no monte Palatino ou descansarem nos banheiros de Caralla com vários garotos gregos para passarem óleo em sua pele. Eles nunca serão cristãos. Eles manterão sua religião e o seu povo.

– E eles são guerreiros muito bons também, senhor. – Muito bons? – perguntou o general.  
– Eu os vi derrotar o exército de Rhadagastus, que era formado por excelentes guerreiros, e acabar com eles como se estivessem massacrando um rebanho de ovelhas. Que Deus nos ajude se um dia eles se voltarem contra...

Houve um silêncio pesado.

– Seria como uma luta de animais na arena – disse o tenente. – Um urso contra um búfalo.

– Exatamente. – O general tomou mais um gole de vinho. – As coisas ficariam feias. Mas, como costume dizer, não vejo como isso poderia acontecer. Enquanto mantivermos relações amigáveis com eles, não há motivo para considerar os hunos uma ameaça. – Sei o que quer dizer, senhor.

– O garoto refém é parte disso. Então cuide bem dele e certifique-se de que nenhum mal lhe seja feito. Gosto do garoto. O tenente concordou com a cabeça.

– O senhor tem a minha palavra.